

O ALARME!

JORNAL POPULAR PORTUGUÊS

Escreve-nos para:

O ALARME
22, Village du Rif
38640 - Claix

Dos Trabalhadores para os Trabalhadores

Para pagamento:

C.C.P. PAYAN Charles
n°257 08B Grenoble
importante:
no remetente junto do
teu nome põe (O.A.)

JUNHO 74

1FR.

Nº21

O Silva, o Zé, a Sra. Albertina e os seus problemas

Zé: - Então ó Silva, o que é que achas de todos estes acontecimentos que se estão a passar em Portugal?

Silva: - Ora o que acho é que a situação é muito melhor do que dantes. Mesmo que a gente ainda não saiba quais são as intenções dos gajos da Junta, o certo é que o povo já conseguiu mais liberdades.

Zé: - Eu cá até estou parvo. Nem sei como é que a burguesia deu todas estas liberdades ao povo?

Sra Albertina: - Alto aí, Zé. A burguesia não deu nada. O povo é que as conquistou. Não te esqueças que eles estavam a ver-se completamente derrotados pelos avanços das lutas dos povos das colónias. E mesmo em Portugal não te esqueças das greves dos trabalhadores do Norte ao Sul do país e dos soldados que cada vez desertavam mais do exército colonial. Enfim, sabes bem que o povo farto desta situação estava disposto a acabar com o fascismo e a guerra colonial.

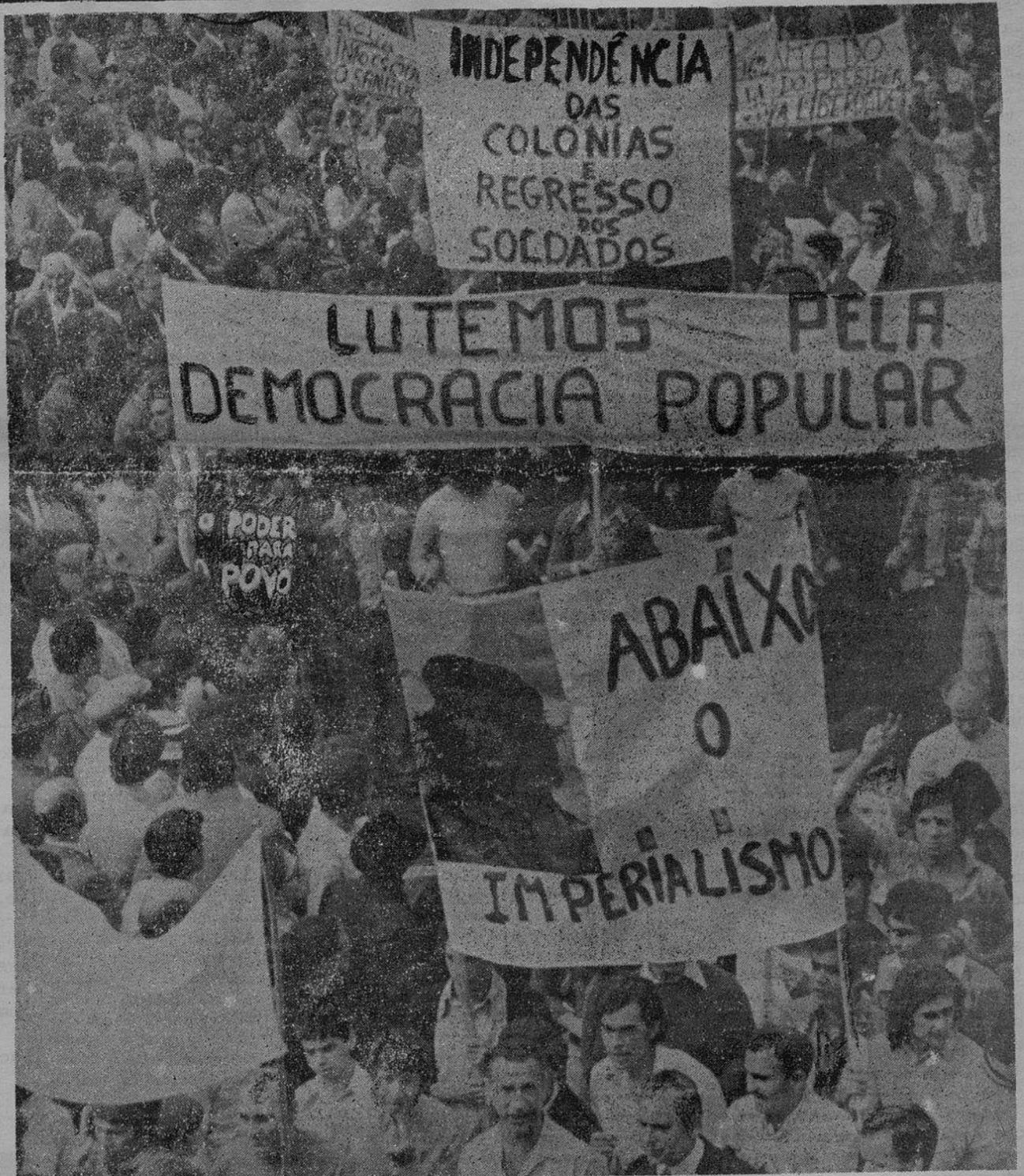
Zé: - Agora já compreendo. Quer dizer então que isto é o primeiro passo. Os burgueses à rasca foram obrigados a ceder, tanto em relação às lutas dos povos das colónias como em relação às lutas dos trabalhadores em Portugal.

Sra Albertina: - Isso mesmo! E não te esqueças que a nível dos outros países do estrangeiro, o fascismo do Marcelo e da sua pandilha estava já completamente desacreditado. É como tu dizias, os tipos estavam mesmo à rasca e já tiveram que conceder coisas que nunca fariam se não fossem obrigados a isso.

Silva: - E a prova é que o povo não ficou parado a ver a mudança do governo, mas veio para a rua manifestar, tomou conta dos sindicatos, das casas do povo, das casas dos pescadores, dos locais da Pide e da Legião, substituiu alguns presidentes das Câmaras e das Juntas de Freguesia e faz greves por toda a parte por aumentos de salários. Por toda a parte é o povo que se encarrega de destruir o que ainda resta dos fascistas.

Sra Albertina - Os pides assassinos que andavam à solta, agora são perseguidos e espancados pelo pessoal. Há quem diga que esses bandidos a cagaçados fugiram para Espanha e tentam

continua página 8



ENTERREMOS PARA SEMPRE O FASCISMO LUTEMOS ATÉ À VITÓRIA COMPLETA DO POVO

O golpe de estado que veio pôr fim ao governo fascista do Caetano e todos os acontecimentos que se seguiram depois não são obra do acaso nem caíram do céu.

Tudo isso foi fruto conquistado pelas lutas dos povos das colónias, pelas lutas dos trabalhadores e do povo português em geral e até fruto do isolamento internacional em que o governo fascista do Caetano se encontrava e também fruto das lutas travadas pelos trabalhadores portugueses emigrados por todo o mundo.

continua página 8

O POVO ESCREVE

SUÉCIA

Soube que havia aqui na Suécia quem recebesse O Alarme; pedi-o e li-o e gostei tanto do género do jornal que até penso em fazer-me assinante e, por isso, venho por este meio contactar com O Alarme e através deste jornal de trabalhadores contactar com as minhas camaradas operárias, pois tenho uma sobrinha a trabalhar aí em França e espero que ela leia e assinasse O Alarme para ler esta minha carta.

Ainda não tinha 9 anos quando saí de casa da minha mãe para ir ganhar para comer. Hoje não tenho desprezo em contar a minha vida pois desde essa idade que trabalho honradamente. Fui criada de servir até me casar e aí continuei a trabalhar, pois que o meu marido ganhava tão pouco que eu era obrigada a andar a dias. Passei muito com as patroas, tinha vontade por vezes de lhes virar as costas e não as atender, porque afinal nós não somos menos que elas, até somos mais, pois quer nas fábricas quer nos trabalhos do campo ou a dias, somos nós que fazemos tudo e elas não sabem fazer nada, só sabem é explorar a gente e fazer pouco de nós ainda por cima. Sofri isto tudo para ganhar 7\$50 por dia e comida, mas isto quase que não dava para os transportes. Um dia, farta de tanta miséria pensei em emigrar. Quando emigrei pensei que vinha ter uma vida melhor, mas, finalmente, tenho uma vida melhor sim, no aspecto financeiro mas também cheia de problemas, a começar na fábrica e a passar pelo grande isolamento e o problema dos filhos, temos que os levantar muito cedo porque pegamos ao trabalho antes das 7; andamos sempre a correr para os ir buscar e levar à creche, vir para casa e tratar da comida, da roupa, do arranjo da casa, é uma vida de escravidão. Afinal vejo que continuo a ser explorada, pois o meu patrão que faz menos que eu, não tem nada destes problemas e ganha muito mais dinheiro que eu.

Quanto ao meu trabalho aqui na fábrica sou costureira e trabalho de empreitada. Tenho trabalhos muito difíceis que me farto de trabalhar e por vezes não alcanço sequer a fêria como se estivesse contratada à hora; é um trabalho que só dá para nos enchermos de nervos! Sempre a trabalhar à luz artificial, com o enorme barulho das máquinas. Não basta o trabalho se não ainda as dores de cabeça das máquinas. Noto que as encarregadas são racistas e valem-se da gente não saber a língua sendo este um dos nossos maiores problemas. Fazem de nós tudo o que querem.

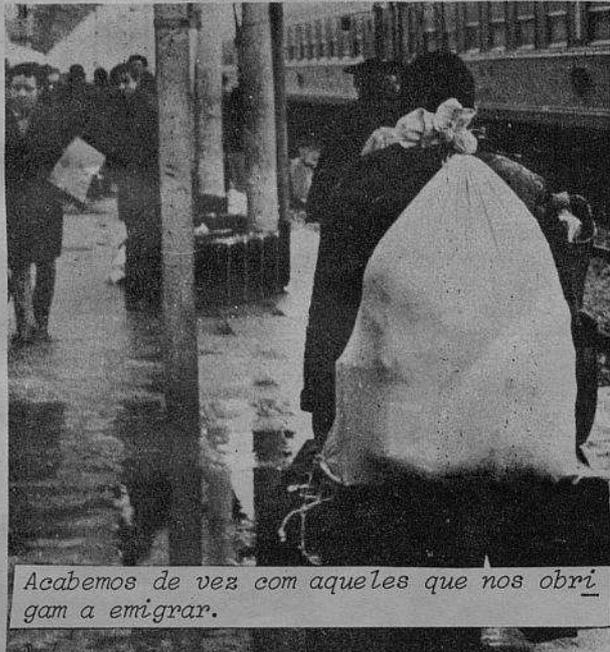
Penso muitas vezes em voltar para Portugal, mas ainda não fiz porque penso que lá não me posso governar pois nem sequer ganho para poder pagar a casa, comer e pôr o meu filho na escola.

Sei que vieram a Malmo o Teatro Operário e Os Camaradas cantar. Fui ver e gostei imenso de ver e ouvir pois eu nunca vi coisa que mais gostasse. Gostava de os voltar a ver, ali se falava de toda a verdade e quem seja trabalhador é obrigado a concordar com o que eles diziam e cantavam.

Eu gostava que um dia o povo alcançasse uma outra vida melhor, pois que desta já a gente estamos fartos.

Agora termino enviando muitas felicidades para O Alarme e para todos aqueles que concordarem comigo.

Uma operária da Suécia



Acabemos de vez com aqueles que nos obrigam a emigrar.

Camaradas,

Como leitor do vosso jornal, tomo a liberdade de vos pedir se seria possível de me publicarem os versos que vos envio, e caso vos interesse no futuro vos poderei enviar muitas anedotas contra o fascismo de que fomos vítimas.

Vos agradeço de avanço, me subscrevo com a máxima consideração,

Clandestinos fomos para a França
Abandonando a terra amada
Combatendo na esperança
De a vermos um dia Libertada.

A tropa foi toda armada
Para combater o fascismo
Queremos a guerra acabada
E acabarmos o colonialismo.

Temos todos que nos dar a mão
E com coragem trabalhar
Dar produto à nossa nação
E o capitalismo acabar.

Portugueses exilados
Por esses países d'além
Venham todos homens honrados
À pátria que é vossa mãe.

Pátria terra querida
Tivemos que a abandonar
Esse governo fascista
Nos obrigou a emigrar.

Esses grandes fascistas
Que se julgam senhores
Prendiam pobres e artistas
E dos filhos faziam doutores

Um pobre inteligente
Ia parar à prisão
Maltratado injustamente
Sem haver provas nem razão.

Povo trabalhador
O fascismo continua
Vamos lutar com ardor
P'ra pormos todos na rua.

Camaradas,

BOUVANIER, o patrão da fábrica ECM em Fontaine, não é melhor nem pior que os outros - é um filho da puta igual. Assim para ganhar ainda mais dinheiro, paga mal aos operários. Ele ainda não sabia o que era uma greve na fábrica dele, mas desta vez lixou-se - a grande maioria dos operários uniu-se e foi para a luta.

Apesar da traição do sindicato (nesse caso CGT) que queria que nós só fizéssemos 1/4 hora de greve por cada hora de trabalho, discutindo entre nós decidimos ir para a greve total.

No primeiro dia de greve uma das duas fábricas foi ocupada, assim como no segundo dia a outra fábrica; no entanto, 7 amarelos que tinham ido às 5 da manhã continuaram a trabalhar; para o 3º dia já estávamos a preparar-nos para os expulsar à força fora da fábrica, só que o patrão, vendo a unidade da maioria dos operários e que a greve ia tornar-se violenta, cedeu ao fim de três dias de greve. E só não cedeu tudo porque os delegados do sindicato mais uma vez nos traíram, indo discutir sós com o patrão e aceitando o que o patrão dava sem nos consultar. Que lições devemos tirar desta greve?

- 1 - O sindicato é vendido - em vez de nos encorajar, metia-nos medo.
- 2 - A greve devia ter sido total desde o 1º dia - nós não conseguimos fazer frente às manobras do sindicato.
- 3 - Devíamos ter ocupado a fábrica desde o 1º dia.
- 4 - Devíamos ter impedido os amarelos de trabalhar desde o 1º minuto.

É analisando esta greve que nós evitaremos estes erros na próxima.

**NÃO AO SINDICATO VENDIDO!
NÃO AOS DELEGADOS!
PELAS ASSEMBLEIAS DE FÁBRICA!
UNIDOS VENCEREMOS!**

Um grupo de portugueses da ECM

GUINÉ — Bassarel 28/4/74

Exmo Sr.

Os meus repetidos cumprimentos para Vossa Excelência, eu fico de óptima saúde.

Quero que me informe o que devo fazer para que obtenha o jornal O Alarme, no qual estou interessado. Encontro-me na vida militar no Ultramar, na província da Guiné e gostava que me desse algumas informações para eu saber o que fazer porque eu escrevo-me com um colega meu que se encontra aí em França e ele tem-me mandado alguns bocados do jornal O Alarme.

Com isto tudo vou terminar.
Os meus cumprimentos,

*Faz-te correspondente
do Alarme na terra
onde trabalhas.
Envia-nos Notícias*

A PALAVRA aos CLUBES, SALAS e ASSOCIAÇÕES dos TRABALHADORES

Festa na Place d'Italie

Zé: - Então, sra. Guida, que tal a festa?

Sra. Guida: - Olha, sabes uma coisa, Zé, eu gostei muito. Até levei a família e foi uma tarde de domingo bem passada. E olha que vi lá coisas! Lembra-te dos levados da breca dos miúdos, os Pioneiros?

Zé: - Está a ver, senhora Guida, como o teatro pode ser feito por todos? Por crianças, por mulheres e por homens do povo? E não só o teatro...

Sra. Guida: - E aqueles rapazes, os "Camaradas", que cantam as lutas do nosso povo? Eu acho que é isso que se deve cantar, porque de cantigas de embalar está o povo farto!

Zé: - É isso mesmo, senhora Guida! É preciso a gente juntar-se, unirmo-nos e discutir os nossos problemas.

Sra. Guida: - Mas ouve lá, ó Zé, lá a história da fábrica da Covilhã, que o teatro operário de Gentilly representou, aquilo sempre foi verdade?

Zé: - Foi verdade sim senhor, e eles aproveitam o quadro do teatro para divulgar as lutas dos trabalhadores e assim o teatro é também uma arma de luta. Porque é informando-se das vitórias e das derrotas do povo que nós avançamos para a união da nossa classe!

Sra. Guida: - Eu também penso que sim. A união faz a força! Eu até estou convencida que aquela ideia que eles têm de fazer um clube cá no bairro até vai para a frente, porque no fim da festa estava muita gente interessada nisso. Uns querem futebol, outros folclore, outros teatro, outros aulas de francês e portugueses...

Zé: - Está a ver, se estava tanta gente interessada nisso, é porque as pessoas querem mesmo unir-se e fazer qualquer coisa juntos e um clube operário é uma das formas de o fazer.

Sra. Guida: - Isso é verdade! E olha que no fim da festa ainda dei um pèzinho de dança! Juntou-se um grupo de moços e moças e dançou-se e cantou-se à desgarrada! Olha, agora tenho que me ir embora, vou acabar de fazer o marché. Deixa-me cá ver um Alarme e a gente lá se encontra no clube.

Camaradas: Desta festa enviamos 170 frs. para a Caixa permanente de apoio às lutas em Portugal.

VIVA AS LUTAS QUE SE ESTÃO A PASSAR NESSE MOMENTO EM PORTUGAL!

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

Teisseire

Há cerca de um mês um grupo de trabalhadores amigos de servir o povo, organizou uma escola onde as crianças portuguesas podem aprender a falar e a escrever a nossa língua. Das 4 crianças que apareceram da primeira vez, hoje são mais de 30, tendo a escola começado há um mês.

Sabemos ainda de casos de crianças interessadas mas que não podem vir porque moram demasiado longe. Isto mostra-nos bem o interesse que os trabalhadores têm em que os seus filhos aprendam a língua portuguesa, porque mais cedo ou mais tarde eles pensam regressar a Portugal.

Festa em Bonneuil s/ Marne

No Domingo dia 12 de Maio, organizou-se uma festa popular na M.J.C. de Bonneuil s/ Marne que fica nos arredores do Sul de Paris, entre Creteil e Brevennes. Foi a primeira festa portuguesa que houve em Bonneuil. Ela compôs-se numa primeira parte da actuação do grupo "Os Camaradas" e "dos Pioneiros" que foram bastante aplaudidos por cerca de 200 pessoas que enchiam completamente a sala. Na segunda parte, logo após o intervalo, actuou o Teatro Operário com a peça "O Soldado", sendo o teatro bastante aplaudido. Houve dois pequenos senões na festa: um foi a pequenez da sala que só levava 150 a 200 pessoas e o outro foi uma prova de ciclismo francês que passava ao lado da sala, atraindo bastantes portugueses, que em princípio vinham à festa. Mesmo assim podemos considerar que a festa foi um êxito, correndo de resto bastante bem em ambiente de camaradagem e de apreço pelos trabalhadores que a ela assistiram. No intervalo houve camaradas que andaram pela sala, pedindo para a Caixa Permanente de Apoio às lutas em Portugal, conseguindo nessa colecta 120frs. que junto vos enviamos. Além disso, logo a seguir ao intervalo houve um camarada do Comité de Apoio aos desertores (luta) em Paris, que fez uma intervenção falando do que se está a passar com as falsas amnistias que o governo do Spínola e companhia, estão a dar aos desertores e refractários, apelando para os presentes se manifestarem no dia seguinte em Paris, debaixo das bandeiras do Comité "Luta" contra as falsas amnistias, pelo fim imediato da guerra colonial assassina, pela independência total aos povos das colónias.

No final apelou-se para a formação dum clube nesta região, havendo já bastantes trabalhadores interessados em pôr "mãos à obra" e trabalharem na construção do mesmo.

Camaradas trabalhadores de Bonneuil e arredores,

A UNIÃO FAZ A FORÇA!
UNIDOS AVANCEMOS EM FRENTE NA FORMAÇÃO DO CLUBE!

- Um grupo de trabalhadores de Bonneuil

as mulheres falam

dos seus problemas ...

COLECÇÃO DO POVO Nº2

A COLECÇÃO DO POVO PUBLICOU MAIS UMA BROCHURA:

As pessoas interessadas em tê-la escrevam para a direcção do jornal.

St. Martin d'Hères

Os trabalhadores portugueses de St. Martin d'Hères festejaram com grande alegria o 1º de Maio dia internacional dos trabalhadores.

A festa foi animada por comes e bebes e o que mais entusiasmo levantou foram as cerradas cantigas ao desafio acompanhadas por acordeão e concertina.

A lembrar que o 1º de Maio não é somente um dia de festa mas também um dia de luta e um dia em que se recordam de uma maneira mais forte os camaradas mortos na luta contra a burguesia exploradora, havia cartazes afixados nas barracas onde se podia ler:

- O POVO LUTA EM PORTUGAL; APOIEMOS A LUTA REVOLUCIONÁRIA DO POVO PORTUGUÊS.

- VIVA O 1º DE MAIO, DIA DE FESTA, DIA DE LUTA DA CLASSE TRABALHADORA.

Só o cair da noite levou os trabalhadores para suas casas, contentes por terem passado o seu dia em convívio com outros camaradas de classe.

Camaradas, houve, contudo, algumas falhas quanto à organização de que devemos tirar lições e fazer de modo a que nas próximas festas essas falhas não existam.

ORGANIZADO O POVO É INVENCÍVEL!

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

Um grupo de operários

Fontaine

No dia 19 de Maio, um grupo de portugueses realizou um jogo de futebol no "Terrain du Mail" em Fontaine.

O jogo fez-se, não para ganhar prémios ou taças, mas para unir os operários. Assim, homens, mulheres e crianças conviveram algumas horas em franca camaradagem. No fim do jogo um grupo de operários esteve a falar sobre o jogo e sobre os problemas do povo português.

É preciso que não fiquemos por aqui e continuemos a fazer outras actividades mais vezes.

Um grupo de portugueses

Preço de uma assinatura: 10f, preço de cada: 1f	LE-DIVULGA-DISCUTE-ASSINA
	"O ALARME"
	QUERO RECEBER O "ALARME" EM CASA:
	NOME _____
MORADA _____	
PARA RECEBER "O ALARME" EM CASA CORTA ESTE BOLETIM E ENVIA-O PELO CORREIO PARA:	
"O ALARME"	
22, VILLAGE DU RIF	
38640 - CLAY	

S.O.G.E.T.

ZONE INDUSTRIELLE - BREVENNES

É uma firma de aluguer de camiões, onde os empregados trabalham 10 a 11 horas por dia, obrigatórias.

Este camarada trabalhador é condutor de camiões nesta fábrica. No dia 14 de Maio, este camarada tinha vindo a Paris com um camião carregado de entulho. Quando descarregavam o camião, a grua deixou cair uma parte do entulho que lhe caiu na cabeça.

Falou-se imediatamente com o patrão para que ele lhe passasse o papel de acidente e o autorizasse a ir a um hospital para se tratar (4 horas).

O patrão não só se recusou a passar-lhe o papel como o obrigou a trabalhar até ao fim do dia (5h30m), com o pretexto de que ainda era preciso levar o camião até à oficina.

Assim este homem foi obrigado a trabalhar toda a tarde com um ferimento na cabeça e sem ter recebido o mínimo tratamento. O ferimento estava cheio de areia e terra e, portanto, sujeito a uma infecção.

Mas isto não é tudo! Este patrão já é bem conhecido pelas "pulhices" que costuma fazer. Dias antes do acidente, o mesmo camarada tinha sido multado por excesso de carga. O patrão recusou-se a pagar a multa e, no entanto, tinha sido avisado pelo próprio camionista que a carga era excessiva. Apesar de tudo, o patrão lavou daí as suas mãos e obrigou o camionista a pagar a multa.

Além disso o patrão põe os filhos a andar atrás dos empregados para os vigiar.

Assim, se um camião pára seja por que motivo fôr, o tempo em que está parado é descontado do ordenado dos empregados.

Ora agora, já não pode um homem parar para ir fazer as suas necessidades ou tomar um café?

Ao almoço, os empregados desta empresa têm direito a uma hora para comer, a qual nunca é respeitada. Há sempre que fazer e os empregados têm muitas vezes de comer sanduiches enquanto conduzem. Está claro que estas horas não são pagas como horas extraordinárias! Só para dar uma ideia da exploração que o patrão faz sobre os empregados, é de ver que um condutor ganha uma média de 7,82Fr. e o patrão recebe por cada camião, em oito horas, uma média de 600Fr., isto em Paris, porque se o camião fôr para fora de Paris já recebe mais.

Nesta empresa, os empregados já uma vez fizeram uma greve de meio dia por oito horas de trabalho e aumentos de salários.

O patrão, está claro, chamou dois ou três para discutir e disse que ia ver o assunto, que a coisa não se resolvia assim tão depressa, que depois diria alguma coisa.

Entretanto, o grande ladrão não só ainda não deu resposta nenhuma como deixou um dia de salário do ordenado dos trabalhadores, por causa da greve.

Mas os empregados já não vão em histórias, já está a ser formado um comité de operários e para já as reivindicações são as seguintes:

- 1º 8 horas de trabalho
- 2º aumentos de ordenados
- 3º uma hora para o almoço

Ou a patrão cede às reivindicações ou desta vez se entra mesmo em greve a sério, até elas serem satisfeitas!

Um trabalhador de Brevennes



Camaradas do Alarme,

Passo-vos a contar o que aconteceu comigo e com outros desertores, refractários e exilados no consulado de Versalhes (78) no dia 6 de Maio.

A LUTA PELA OBTENSÃO DO PASSAPORTE DE 5 ANOS!

Logo de manhã éramos para aí uns 300 que íamos lá por causa de obtermos os passaportes que desde os últimos dias de Abril o "Spínola e a sua tropa" davam, dentro do plano da "tal amnistia", para os exilados e para os jovens fugidos à guerra colonial.

Mas qual não foi o nosso espanto quando a menina do consulado nos disse: "que segundo ordens de lá de baixo" já não davam passaportes. Bom, a malta que lá estava começa a discutir, agita-se, há vidros partidos e ocupa-se as salas. Entretanto, o "carinha de leite" do consul sai do seu carro-burguês pago pelo suor dos trabalhadores e vai a entrar.. mas a malta vai de encontro a ele e grita em coro como uma palavra de ordem "que remos passaportes", "queremos passaportes", "se não, há bordel", "parte-se tudo", "vai o consul pro caralho", outros ainda: "põe-se fogo a esta merda", etc.

Ele escusa-se e diz (tentando acalmar a malta) que a culpa não é dele, que são ordens de lá de baixo, ainda mais - que recebeu um telegrama. No entanto, ele diz (tentando enganar-nos) que há passaportes e que os dá mas só de três meses e para baixo, como dantes. A malta avança e o consul vai à nossa frente escadas acima. Entretanto, as "meninas-limpinhas" do consulado vão para o primeiro andar com o medo no cú. Há dois ou três camaradas que montam em cima de cadeiras e dizem que é tudo a mesma merda - o Caetano como o Spínola e companhia são todos a mesma merda, continuam a enganar-nos com as suas promessas. Há outro camarada que nas trombas do consul lhe diz "que está farto de promessas e de paleio dos exploradores e que não vai em falinhas meigas e diz mais "o povo há-de se vingar dos burgueses e dos seus lambe-botas". A malta dizia: "Queremos uma resposta, senão, não arr damos pé de aqui", "um por todos e todos por um."

O consul atrapalhado e muito amarelo diz que vai ver, entretanto, chegaram alguns polícias para ver o que se passava, mas ninguém os temeu. Um camarada faz uma pinchagem no muro "Abaixo o Consula-

do". Passados alguns minutos o consul a parece a dizer que estivéssemos calmos, porque havia passaportes para toda a gente.

O consul obrigado pela nossa união e força deu passaportes para 5 anos. Durante todo o dia, houveram camaradas que aproveitaram para discutir com os trabalhadores que estavam no consulado, sobre a situação política em Portugal, sobre a guerra colonial e sobre as falsas amnistias. Eles embora dessem até aí passaportes era uma maneira de "lá em baixo" lucrarem com o nosso dinheiro - 61 frs. por cada passaporte e às vezes mais, e apanharem milhares de desertores e refractários que tinham ido para Portugal, fazendo-os assim entrarem no exército colonialista e fazerem a guerra colonial assassina.

No entanto, estávamos contentes pois mais uma vez se viu que unidos e organizados numa luta, somos invencíveis.

VIVA OS JOVENS DESERTORES, REFRACTÁRIOS E EXILADOS QUE NO DIA 6 DE MAIO CONSEGUIRAM OS PASSAPORTES EM VERSALHES!
ABAIXO AS FALSAS AMNISTIAS!
ABAIXO A GUERRA COLONIAL ASSASSINA!
INDEPENDÊNCIA TOTAL E IMEDIATA PARA OS POVOS DAS COLÓNIAS!

Um camarada que esteve em versalhes

LUXEMBURGO

Camaradas do Alarme,

Somos três emigrantes que amargamos aqui pelo Luxemburgo.

Vimos aqui parar porque na nossa terra mal ganhávamos para comer, e ainda por cima queriam que fôssemos fazer uma guerra por conta de quem sempre nos roubou e nos explorou: fazer uma guerra contra quem nunca nos fez mal nenhum que valentemente e de armas na mão lutam para acabar com aqueles que são também os nossos mais cruéis inimigos, a burguesia exploradora e assassina.

Camaradas o vosso jornal, ou antes o nosso jornal tem mantido bem viva dentro de nós a raiva de quem foi sempre explorado e continua a ser.

Mas não foi só para vos contar aquilo que todos nós trabalhadores sabemos, que quer aqui como em Portugal somos explorados pela súcia dos patrões nós sentimo-lo na pele, que nós resolvemos a escrever.

No dia 11 de Maio, Sábado na cidade de Luxemburgo, houve uma manifestação de emigrantes portugueses para ir junto ao consulado mostrar o seu descontentamento contra o Mendes Costa, consul português que desde há muito nos rouba descaradamente.

Vejam lá que este sacana tinha a lata de levar 2 000 Fr. belgas (1 200 \$) por um passaporte, 600 fr.B (360 \$) por um registo criminal etc. e tudo isto sem passar recibos do dinheiro entrado. Ficamos por aqui pois senão, as páginas do jornal não chegariam para contar todas as suas trafulhices e o desprezo com que tratava quem por necessidade tinha que ir ao consulado.

(cont. pág. 7)

O Alarme página 4

DOIS PADRES FALAM SOBRE A FRELIMO

"O GUERRILHEIRO É UM HOMEM PARA A LUTA, UM HOMEM PARA O TRABALHO E UM HOMEM PARA ENSINAR O OUTRO HOMEM"

Alfonso Valverde e Júlio Moure são dois do grupo de padres de Burgos que eram missionários em Moçambique e denunciaram a todo o mundo os massacres que o exército colonialista português fez em Wiriamu, Mucumbura e muitas outras aldeias de Moçambique, sendo, por isso, expulsos de lá pelo governo português.

Eles têm andado por vários países da Europa a denunciar aquilo que viram e a falar da gloriosa luta de libertação nacional do povo de Moçambique, conduzida pela sua vanguarda, a FRELIMO.

Alfonso esteve a trabalhar durante 5 anos em Mucumbura, zona libertada pela FRELIMO, a três milhas da fronteira com a Rodésia. Esteve dois anos preso no célebre campo de concentração da Machava.

Júlio esteve na zona de Vila Pery durante três anos, e foi o primeiro desse grupo a ser expulso de Moçambique, e foi ele que trouxe para fora de Moçambique os relatórios do massacre de Wiriamu.

Eles vieram à Dinamarca, e o correspondente de "O Alarme" aproveitou para falar com eles. Dessa conversa damos algumas passagens mais importantes para os nossos camaradas.

Pergunta: - O que é que tu pensas da luta do povo moçambicano nos últimos tempos?

Alfonso: - A FRELIMO avançou em 1973 cerca de 300km. em direcção ao sul de Moçambique, tendo já chegado a 150km. abaixo do rio Save e pensam conseguir cortar no próximo verão a estrada da Beira a Lourenço Marques, que é um ponto importantíssimo nas comunicações do exército colonialista e dos colonos.

Júlio: - Em Vila Pery, a zona onde estive a trabalhar, há uma fábrica muito grande de têxteis a Soalpe, que pertence à CUF, cujo administrador, o Magalhães, é um autêntico carrasco; trabalha lá 3.100 operários africanos e no tempo que estive lá cerca de 400 operários juntaram-se às guerrilhas.

Alfonso: - Eu presenciei o rebentamento de uma mina quando passava uma coluna de 15 soldados portugueses. Ficaram 2 cegos, morreram 5, e os outros ficaram todos queimados. Tratei deles juntamente com as freiras do hospital da missão, e elas só gritavam no meio das dores: "ai a minha vista", "ai a minha vista", "ai a minha querida terra".

Pergunta: - Como é que vocês explicam que os soldados portugueses, homens do povo, massacraram o povo trabalhador de Moçambique?

Alfonso: - Os soldados portugueses têm grande amizade entre si, sofrem juntos. Mas o soldado português é muito carinhoso. Ele chega a uma aldeia e pega nas crianças ao colo, brinca com elas, fala com os adultos. Agora, repara, por exemplo: um grupo de soldados que sai para o mato para cumprir uma missão. Chega a uma aldeia, brinca com as crianças, fala com a gente, e pelo meio vai perguntando se viram guerrilheiros por perto, se sabem se há minas, etc. Claro que o povo da aldeia tem consciência que o soldado, embora seja bom e simpático com eles, é inimigo dos guerrilheiros que os defendem e, portanto, não vai denunciar. Ora bem, os soldados seguem para a frente e, por exemplo, pouco adiante mata uma mina e uns morrem e outro

feridos. O que é que o soldado que escapou sente. Sente que foi atraído, fica desesperado, cheio de raiva por ver os seus amigos e companheiros mortos e feridos. A sua primeira reacção é de voltar atrás, completamente louco e descarregar a metralhadora sobre aqueles que ele julga que foram os causadores da morte dos companheiros.



Pergunta: - Vocês estiveram em zonas libertadas pela FRELIMO; como é que é a vida nas zonas libertadas?

Alfonso: - Tanto eu como o Júlio estivemos em zonas libertadas. Mas eu especialmente, vivi cinco anos em Mucumbura, e talvez possa falar melhor disso, pois é uma zona libertada.

A FRELIMO tem nas suas zonas libertadas uma população de cerca de um milhão e duzentas mil pessoas.

Tem monitores nas escolas, e o ensino é muito diferente do das escolas dos colonialistas portugueses, porque além de aprenderem a ler e escrever, eles aprendem a pensar, e a marcar bem a diferença onde é que estão os seus amigos e os seus inimigos. A dificuldade maior é a falta de material escolar.

As zonas libertadas têm o seu comércio. Eles têm campos que trabalham e depois vendem o que lhes sobra para a Tanzânia. Têm cooperativas onde se distribuem os alimentos conforme as necessidades das famílias, e são elas que asseguram a alimentação dos guerrilheiros quando estes andam a lutar.

Têm hospitais e são também ajudados pelos hospitais das missões progressistas. O delegado da saúde e as enfermeiras aprendem na Tanzânia.

Júlio: - As zonas libertadas são muito importantes. Lá o guerrilheiro é ensinado a ser três coisas: um homem para a luta, um homem para o trabalho, um homem para ensinar o outro homem. Ele está um certo tempo na luta e vem depois trabalhar no campo. É lá, no meio de toda a luta e todas as dificuldades que se está a criar um homem novo. A tropa portuguesa tem medo de lá entrar.

Pergunta: - Como é que são os "aldeamentos" criados pelos colonialistas?

Júlio: - Esses aldeamentos são uma tentativa dos colonialistas para controlar o povo e evitar que ele ajude a FRELIMO. O governo português diz-lhes: ou vindes para os aldeamentos, ou sois terroristas, e se eles não aceitam, manda a tropa fazer "operações de limpeza", as quais os soldados são obrigados a fazer, e pagam-lhes mais 20% do ordenado para as fazer, mesmo obrigados.

Uma vez encontrei uma patrulha que foi mandada entrar 60km. dentro duma zona libertada. Eles entraram só 5km. e disseram-nos: "temos de ficar aqui cinco dias, não temos que comer". Um dos soldados disse-me: "eu não defendo Portugal. Portugal é a minha mãe e a minha namorada. Se esta terra é Portugal, eu ofereço a minha parte a quem a quiser defender". E mostravam-nos os calendários que todos traziam com os dias que passavam marcados com uma cruz e só falavam nos dias que faltavam para se irem embora.

Pergunta: - Vocês acham que a FRELIMO defende verdadeiramente os interesses do povo de Moçambique?

Alfonso: - A FRELIMO defende os interesses do povo, e o povo sabe isso e ajuda os guerrilheiros. Os guerrilheiros são o próprio povo.

A FRELIMO diz que não luta contra o povo português, luta contra a tropa que defende os interesses dos colonialistas, e contra os colonos que estão lá a roubar o que é do povo de Moçambique. Que os soldados portugueses não têm interesses em Moçambique, eles são obrigados a ir para lá a defender os interesses dos capitalistas.

A FRELIMO não é racista. Eles têm dito sempre que não é uma luta entre brancos e pretos, mas que é uma luta entre opressores e oprimidos. Há portugueses brancos que apoiam e lutam ao lado da FRELIMO, assim como há pretos que lutam pelo exército colonialista.

Pergunta: - Achas que a luta de libertação do povo de Moçambique tem alguma coisa a ver com a luta dos trabalhadores portugueses?

Júlio: - Eu acho que essa luta é uma luta irmã contra o mesmo inimigo: os capitalistas e colonialistas.

Vou-te dar um exemplo do que a FRELIMO pensa sobre isto. A 15km. da minha missão, a FRELIMO escreveu em grandes letras na parede de um armazém dos colonos: "Nós não lutamos contra o povo português. Nós precisamos do povo português. Estamos a lutar contra a máquina que oprime o próprio povo português." Acho que não é preciso dizer-te mais nada.

Pergunta: - Vocês acham que o facto de a Guiné ter proclamado a sua independência ajuda a luta dos povos de Moçambique e Angola?

Alfonso: - A proclamação da independência da Guiné é muito importante para a luta de libertação dos povos de Moçambique e Angola. Essas lutas são contra o mesmo inimigo: os capitalistas portugueses e estrangeiros. Essa grande vitória do povo da Guiné foi enfraquecer o governo português e enfraqueceu muito o moral das tropas colonialistas, e foi mais uma certeza que deram aos povos seus irmãos de que vencerão a sua luta. Porque a história mostra-nos que nunca nenhum povo foi derrotado na luta pela sua libertação.

GUERRA COLONIAL

FARTOS DE MARRAR CONTRA OS POVOS AFRICANOS, OS COLONIALISTAS DERROTADOS TENTAM MUDAR DE TÁCTICA!

Durante 13 anos os fascistas e colonialistas portugueses apoiados no imperialismo internacional, andaram a marrar como um bando de toiros às cegas contra os povos de Angola, Guiné e Moçambique que bem organizados e com armas, têm sabido resistir e conquistar a todo o custo a sua liberdade. Tanto marraram que se fartavam de marrar! Mas agora, desvairados e vendo as coisas mal paradas para os seus interesses de exploração, tentam arranjar da melhor maneira a situação e mudam de tática! E isto, porque topam que estão cada vez mais perdidos e encurralados.

E então, ainda com o apoio do capitalismo estrangeiro, montam este cenário em grande: os fascistas e colonialistas que ontem massacravam esses povos africanos, aparecem agora a agitar a bandeira da liberdade e da democracia.

Ao povo português prometem mundos e fundos e até, diga-se, por acaso, já fizeram algumas coisas porreiras. Mas no que diz respeito aos povos das colónias, é que ainda não chegaram a um entendimento. Por um lado, dizem que querem acabar com a guerra, porque isso lhes interessa. Mas por outro lado também não querem largar o osso, isto é, estão a tentar regatear para ver se continuam a manter os seus enormes capitais e a explorar os trabalhadores das colónias. Eles estão a ver até onde podem ir e só abandonarão completamente as colónias quando os povos em luta os obrigarem a isso. Até lá vão tentar sempre regatear.

Vejam os que disse o General Costa Gomes: "Os movimentos de Guerrilheiros que lutam em Angola, Moçambique e Guiné poderão agir livremente, como qualquer outro partido político, desde que deponham as armas."

E na mesma declaração ele explica o que quer dizer - o que esses movimentos de guerrilheiros têm a fazer é passar a gozar da liberdade que foi dada e actuarem como os outros partidos políticos que se assentam na Assembleia a discutir dos seus programas e abandonem a luta armada.

Já estamos, portanto, a ver qual é o engodo. Eles tentam fazer nas colónias o que estão a fazer em Portugal - liberdade de partidos políticos que se

assentam na Assembleia a discutir os seus programas, enquanto os trabalhadores nas fábricas e nos campos continuam a ser explorados.

Mas os movimentos de libertação não se deixam ir em cantigas e não abandonam uma luta dura de 13 anos para ir atrás dum engodo destes. O que eles exigem é a independência total das colónias e o regresso imediato das tropas portuguesas.

VEJAMOS QUAIS SÃO AS RESPOSTAS DOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO.

A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO) AFIRMOU:

"Qualquer tentativa para iludir o verdadeiro problema apenas conduzirá a novos sacrifícios, igualmente evitáveis. A maneira de solucionar o problema é clara: reconhecimento do povo moçambicano à independência.

"Se, todavia, o objectivo do golpe de Estado é encontrar nova fórmula para perpetuar a opressão do nosso povo, então os dirigentes portugueses são avisados de que enfrentarão a nossa de terminação firme."

A Comissão Executiva da FRELIMO acolheu com agrado a comunicação de que direitos democráticos seriam restaurados em Portugal, mas notou que a FRELIMO não poderia aceitar que a democracia para o povo português servisse como capa para impedir a independência do povo moçambicano.

"Justamente como a era de Caetano demonstrou claramente que o fascismo liberal não existe deveriam compreender também que não há qualquer coisa como colonialismo democrático".

POR SUA VEZ, O M.P.L.A. QUE É O MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA FEZ A SEGUINTE DECLARAÇÃO:

"A Junta Nacional instituída em Lisboa está meramente a tentar salvar o prestígio de Portugal e não satisfará as exigências do povo em Angola. A política da Junta presidida pelo Gen. Spínola, ainda não é satisfatória para os Angolanos que pretendem a independência completa e não uma confederação. Spínola pretende apenas salvar o prestígio de Portugal perante o mundo. As nossas esperanças baseiam-se apenas no povo Português que se manifesta nas ruas de Lisboa pedindo a completa independência dos territórios africanos".

NA GUINÉ-BISSAU AS COISAS NÃO ESTÃO NADA FAVORÁVEIS AOS COLONIALISTAS: EIS O QUE DIZ O PARTIDO DA GUINÉ, O PAIGC:

"Num momento em que o povo Português condena sem equívocos o colonialismo e exige o fim das guerras, o comportamento das tropas colonialistas portuguesas que ainda se encontram no nosso país não nos permite concluir que tenha havido qualquer mudança de orientação na política colonial portuguesa. Com efeito, nos dias que se seguiram ao golpe de estado de Lisboa e apesar de ter sido presa uma parte da direcção militar de Bissau, a aviação dos agressores portugueses não parou, nem diminuiu o número de voos sobre as nossas zonas libertadas. Tem-se mesmo observado um nítido crescimento em número e violência dos voos aéreos inimigos, em particular contra Tombali e Cubucaré, dois dos sectores libertados mais populosos do sul do nosso país".

CAMARADAS,

De toda esta situação e enquanto as coisas não se aclaram mais, vamos mas é tirar lições.

1º Os gajos da Junta não se entendem sobre o que hão-de fazer nas colónias; entretanto, os soldados continuam a embarcar para a guerra e o Partido da Guiné queixa-se que a aviação colonialista aumentou os voos. Isto quer dizer que não nos podemos deixar enganar pela mudança de tática da burguesia.

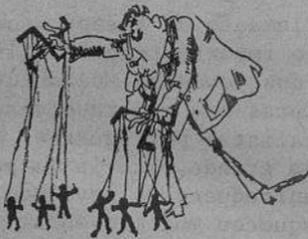
2º Não foi em vão que os povos das colónias lutaram tanto tempo, organizados, com armas e guiados pela sua vanguarda, que são os Partidos de Libertação. Não é agora com duas tretas que vão abandonar a luta e a vitória que cada vez mais está ao seu alcance.

Os povos das colónias só pela luta armada, organizada e clandestina poderão libertar-se definitivamente do colonialismo e da exploração.

3º Devemos saber que é a mesma burguesia que está no poder e que para continuar a explorar-nos está a tentar mudar de tática. A exploração só pode acabar completamente quer em Portugal quer nas colónias pela Revolução Popular, em que haverá democracia para o povo e acabaremos de vez com os burgueses tenham eles a capa que tiverem.

VIVA A JUSTA LUTA DOS POVOS DAS COLÓNIAS!

ORGANIZADO E COM ARMAS O POVO É INVENCÍVEL



Para melhor nos explorarem, os patrões tentam manobrar-nos como muito bem lhes apetece...



...até que um dia, já fartos de serem roubados, os operários unem-se...



...e organizam a luta para acabar com o tráfugo...



Este é o fim que espera a burguesia

O Alarme página 6

UM GRUPO DE TRABALHADORAS ESCREVE-NOS

Comecei a trabalhar com 11 anos, ia à escola e tratava da casa ao mesmo tempo. Trabalho não faltava e condições de vida não havia nenhuma.

Fui mesmo obrigada a sair da escola sem mesmo ter feito a 3ª classe porque só quem pode estudar são os filhos dos burgueses.

CRIADA: Comecei a trabalhar como criada em casa de uns senhores muito ricos onde era bastante explorada. A patroa era uma besta, queria que eu fizesse trabalhos forçados, que eu com a minha idade não os conseguia fazer e ainda por cima levava porrada do meu pai pelas queixas que ela fazia. Mas era mentira e um dia o meu pai depois de me dar uma grande sova viu que não era como ela dizia e tirou-me de lá.

CAMPO: Depois de ter sido escravizada como criada fui trabalhar para o campo onde continuava a ser explorada. Apanhava erva, cavava, vinhava, estercoava, dava água-sulfato e podava as vinhas. Uma vez levaram-me para casa toda gelada, andava a apanhar vides, estava tudo branco de geada, só sei dizer que me encontrei em casa porque me levaram. Enquanto nós andamos de baixo de chuva, os patrões têm bons fatos impermeáveis para não se constiparem. Felizmente que não foi preciso ir ao médico porque era a 7Km e tínhamos que ir de burro pois não havia outros meios de transporte no lugar de Reichida - Cortes - Leiria.

Uma miséria, enquanto os burgueses têm tudo sem ralarem nada, nós estamos a ser escravizados, explorados ao máximo.

Em casa do meu pai era uma miséria, éramos 9 irmãos. O meu pai trabalhava no campo, era à jorna, ganhava 18\$00, começava às 7,30 da manhã e vinha à noite depois do pôr do sol, trabalhavam já sem verem nada, chegaram a pedir aos patrões (no gozo) um candeeiro para poderem trabalhar. Com a minha mãe além de ganhar menos, se em meio dia não apanhasse 6 cestos de erva (que era muito curta) não lhe pagavam e ainda a tratavam mal, aqueles bandidos.

FÁBRICA: Casei e depois fui para uma fábrica mas o patrão era outro cão, só nos queria explorar.

EMIGRAÇÃO: Por causa desses malvados estou na emigração. Julgei que vinha para melhor ao sair de Portugal, mas mesmo aqui continuo a ser explorada.

É PRECISO COLOCAR-SE NO PONTO DE VISTA DE LUTA DE CLASSES PARA ANALISAR O PROBLEMA DA MULHER

Aqui andamos sempre enrolados com os papéis, que é preciso traduzir, ir à polícia mais que uma vez, porque uma vez falta um papel, outra vez outro e é assim.

Todas nós sabemos que os patrões daqui como os de Portugal são a mesma coisa, só nos querem é roubar ao máximo e dão-nos o suficiente para podermos trabalhar no dia seguinte.

Se não queremos continuar a ser explorados enquanto os patrões enchem a barriga com o produto do nosso trabalho, senão queremos continuar a viver como escravos, temos que nos organizar e lutar contra os patrões, esses cães exploradores da classe trabalhadora. A nós também nos chegam informações que os camaradas trabalhadores em Portugal, estão em luta nas fábricas, nos campos, por todo o lado. Exemplificamos as greves vitoriosas das operárias em Braga, da Timex na Caparica e muitas outras.

Camaradas, isto prova que nós temos de unir a nossa revolta e a nossa consciência de mulheres trabalhadoras às dos nossos companheiros, pois a nossa luta é comum e nós estamos conscientes que temos um papel muito importante a desempenhar na revolução popular.

EMIGRAR NÃO É SOLUÇÃO!
VIVA A ALIANÇA OPERÁRIA CAMPONESA!
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!
UNIDO E ORGANIZADO O POVO É INVENCÍVEL!

LUXEMBURGO: cont. da pág. 4

Mais de mil portugueses concentraram-se na "Place St. Esprit" com cartazes que mostravam bem que nós todos trabalhadores só temos uma saída: A Revolução Popular. No trajecto a manifestação engrossou ultrapassando as 2.500 pessoas, havendo do mesmo alguns luxemburgueses que com cartazes e bandeiras apoiaram a nossa luta.

Havia cartazes onde se podia ler: "Um povo unido jamais será vencido", "Operários, hoje mais que nunca todos por um e um por todos", "Viva a revolução", "Paz às colónias". As palavras de ordem que mais se ouviram: "O Povo unido jamais será vencido", "Organizado e com armas o povo é invencível", "Em frente pela revolução popular", "E viva e viva o Grito do Povo", "Fora Mendes Costa", "Viva a aliança operário camponesa", "Paz, pão, terra, democracia popular", "Abaixo a Guerra Colonial", "Viva a Guiné Independente". Deram-se também vivas à FRELIMO, PAIGC, e MPLA. Parecia já Portugal no primeiro de Maio.

Foram com alegria e vivamente saudados os cartazes colados nas paredes onde se lia "Em frente pela revolução popular". A manifestação parou em frente do consulado e da casa do bandido do consul, que ninguém viu, onde ruidosamente se exigiu a partida desse tralfulha. A manifestação terminou numa concentração em frente do consulado onde foi lido um manifesto em que se dizia o que era conhecido por toda a gente como tralfulhices do Mendes Cortes e exigindo a sua partida.

Camaradas, agente pelo Luxemburgo somos explorados indecentemente e o que de sejamos é ir para a nossa terra, mas para a nossa terra livre de todos os exploradores, onde possamos ganhar o pão e ter a paz a que temos direito.

saudações de 3 camaradas de Luxemburgo

CATARINA EUFÉMIA



A estátua oferecida pelas mulheres de Portugal a Sala Zar, e erigida no jardim da Rua da Imprensa, foi destruída, ontem, por desconhecidos.

Fez no dia 19 de Maio, 20 anos, que foi assassinada Catarina Eufémia. O povo português rendeu-lhe homenagem. Do norte ao sul do país houve manifestações, comícios, que mostraram bem que o povo não esquece os que lhe são queridos. Catarina morreu há 20 anos mas ela continua bem viva na nossa memória.

O Alarme publicou no mês de Maio um relato da greve dos camponeses de Baleizão e do exemplo e morte da Catarina. Este relato foi-nos enviado por um camarada que presenciou os acontecimentos. 20 anos é muito tempo e por vezes a memória pode falhar quando nos recordamos de pormenores. No entanto, a morte e o exemplo gloriosos da Catarina continua e continuarão bem vivos na nossa memória. Será sempre com amor e com coragem que a vingaremos

na luta contra os nossos inimigos de classe.

Recebemos dum outro camarada que assistiu também à morte da Catarina um relato que mostrando o mesmo ódio por aquilo que se passou em Baleizão há 20 anos, não está de acordo com o anterior em alguns pormenores, ou seja: - o tenente chama-se Carajola e não Delgado; - a ceifa era da fava e não do trigo; - há uma diferença nos salários; - especifica que era um rancho de pessoal de Penedo Gordo;

Neste momento em que o povo português gritou bem alto a sua revolta contra a morte da Catarina exijamos o julgamento do então tenente Carajola, como responsável do assassinio.

MORTE AOS ASSASSINOS DO POVO!
VIVA A JUSTA LUTA DO POVO PORTUGUÊS!

O Alarme página 7

morte aos pides assassinos

A pide foi a arma mais feroz da ditadura fascista. No dia 25 de Abril acabaram com ela, mas mesmo assim ainda assassinou algumas pessoas que manifestavam a sua alegria em frente da sua sede, na rua António Maria Cardoso, em Lisboa.

Estes assassinos que só serviram para matar e torturarem os melhores filhos do povo, utilizavam todos os métodos de tortura que se possam imaginar, queimavam os corpos dos prisioneiros com pontas de cigarro, chicoteavam-nos, ligavam-nos à corrente eléctrica dando-lhes choques medonhos, tinham-nos dias e dias sem dormir, e tantas outras coisas que aqueles cães se lembravam de fazer. Não foi por acaso que se encontraram nos subterrâneos da pide em Lisboa cerca de 500 cadáveres.

Mas estes javardos não se contentavam em tentar acabar com os nossos melhores filhos. Os porcos ainda andavam a meter o bedelho nos outros países. Os seus ficheiros mostram-nos as comunicações que tinham com polícias tão canalhas como eles, é o caso da C. I. A. que é americana e tem estado sempre implicada nas maiores agressões imperialistas, da polícia espanhola, dos ingleses, etc.

Então, estes assassinos não tinham uma escola para aprender a caçar e matar aqueles que lutavam contra a ditadura fascista?! Enquanto os operários são obrigados, para poder ganhar mais uns tostões e fugir à miséria, a mandar os seus filhos trabalhar com 10 a nós e muitas vezes com menos, estes assassinos davam-se ao luxo de ter uma escola para aprender o "ofício".

"Ultrapassava vinte mil o total de inspectores, subinspectores, chefes de brigada, agentes, informadores e funcionários da Pide. Este impressionante número demonstra a infernal máquina repressora mantida pelo regime fascista derrubado em 25 de Abril.

Evidentemente, que o maior contin-



gente pertencia aos informadores, esses indivíduos que nos espreitavam em todas as circunstâncias e que, a troco de miseráveis escudos, eram denunciadores. O número exacto dos que mantinham aquele aparelho, onde tantos portugueses foram assassinados e torturados, era de 22.800, isto se não a parecer novos ficheiros. Entretanto, desde que a pide foi fundada para manter o estado fascista, colaboraram nas suas actividades cerca de 200 000 indivíduos de ambos os sexos."

Muitos destes bandidos já estão enjaulados, mas nós temos que estar atentos ao que lhes vai acontecer, pois se a junta deixou ir os criminosos de Caetano e do Tomás para o Brasil, não se sabe o que vão fazer aos pides. Exijamos julgamentos imediatos e públicos destes assassinos.

Mas se muitos já estão presos, também ainda há muitos à solta, e estão a tentar reorganizar-se em Espanha. Estes assassinos vão tentar por todos os meios chacinar a classe operária e as massas trabalhadoras.

Preparemo-nos para lhes responder com a violência revolucionária.

CAÇA À PIDE! - MORTE À PIDE!

ENTERREMOS PARA SEMPRE O FASCISMO

cont. da 1ª página

A burguesia portuguesa completamente à rasca com as dificuldades em que se encontrava e aterrorizada com o clima revolucionário criado pelas condições miseráveis em que vivia todo o povo trabalhador, foi obrigada a mudar de tática para continuar a manter-se no poleiro.

Assim certas liberdades elementares que até agora eram recusadas, tais como a liberdade de discussão, a liberdade de imprensa e de formar partidos políticos, foram já adquiridas. Do mesmo modo a libertação dos presos políticos, o derrubamento da pide e a amnistia para os desertores e refractários, são tudo vitórias do povo que desde há muito tempo lutou por elas.

Mas para os operários, para os camponeses e para todos os explorados e oprimidos tanto nas cidades como nos campos, as condições de vida ainda não mudaram. Isto quer dizer que se o povo se calar, o governo há-de querer ficar por aqui. Mas para quem passou a vida a trabalhar por salários de miséria, isto não chega. O que é preciso, é que continuemos a lutar decididamente por aquilo que o governo ainda não concedeu: por aumentos de salários, pelo fim imediato da guerra colonial e pelo regresso imediato de todos os soldados que ainda estão nas colónias, pela exterminação de todos os cães raios da pide que há-de tentar mudar de casaca ou passar disfarçados nomei o do povo.

A todos estes cães devemos dar-lhes caça, seja em Portugal seja na emigração e fazer justiça popular.

CAMARADAS:

LUTEMOS ATÉ À VITÓRIA COMPLETA DO POVO!

ENTERREMOS PARA SEMPRE O FASCISMO!

TODOS UNIDOS: OPERÁRIOS, CAMPONESES, SOLDADOS, ESTUDANTES, EMPREGADOS POBRES, INTELECTUAIS REVOLUCIONÁRIOS EM FRENTE NA LUTA PELO PÃO, TERRA, PAZ E DEMOCRACIA POPULAR!



Este pide tinha uma arma escondida nas cuecas

O SILVA. ZÉ. A SRA. ALBERTINA

CONTINUAÇÃO

organizar-se para voltar a Portugal. Mas a esses cães o povo não há de deixar nem um vivo!

Zé: - Então aquilo tem sido uma festa em Portugal. Os jornais até mostram manifestações do 1º de Maio por todo o país. E em muitos sítios gritava-se "Viva o Socialismo" e "Em frente pela revolução popular". Tudo isto mostra bem a alegria do povo por esta grande vitória.

Silva: - O povo agora já não pára, sem conseguir a verdadeira igualdade. Tem havido mesmo ocupações de fábricas para exigir a saída dos patrões, dos chefes e administradores fascistas, a expulsão dos antigos bufos e pides. E isto mostra como o povo sabe bem o que quer - o que o povo quer é a revolução. O povo quer e está a fazê-la.

Srª Albertina: - Pelo que vejo, isto vai acontecer como já se passa na China, em que são os operários que se organizam entre eles e por toda

a parte controlam e decidem tudo.

Silva: - É para aí que a gente deve caminhar. Que os campos sejam de quem os cultiva e as fábricas de quem trabalha. Acabar de uma vez com a raça inútil dos patrões, dos chefes e dos polícias que defendem os seus interesses. E todo o poder deve ser dado ao povo.

Zé: - Agora até já estou a compreender como é que é possível fazer a revolução popular.

Silva: - À vista destes acontecimentos, a gente vê bem como é fácil acabar com os exploradores, que não são mais do que tigres em papel que se desfazem perante a força do povo.

Temos é que nos preparar nestas pequenas lutas para avançarmos cada vez mais e um dia tomarmos mesmo conta do comando do nosso país e construirmos o Socialismo, onde haja liberdade e igualdade para todo o povo e acabar com os que nos exploram. Esse então é que vai ser um dia de verdadeira alegria para todo o povo.

NOTÍCIAS DE PORTUGAL O POVO EM LUTA

Camaradas,

Neste momento em Portugal do Norte a Sul do país, todo o povo está em luta.

Já antes do Spínola ter ido para o poleiro, o povo lutava para acabar com o fascismo e a guerra colonial e para uma vida melhor. Quem não se lembra das vitoriosas greves dos pescadores de Matosinhos, dos operários da Grundig, da Sepsa, dos Correios de Pevidem, dos vidreiros da Marinha Grande e tantas outras? Não foi por agora o Spínola ter

tomado o poder que o povo vai deixar de lutar por uma sociedade nova onde haja igualdade para todos. Agora o povo não luta só por aumentos de salários. Mas também para pôr fora das fábricas os cães grandes que nos roubam quanto podem.

É com estas lutas que o povo há de deitar abaixo toda a burguesia, e ganhar a consciência da sua força e da sua união para construir o verdadeiro socialismo.

recusaram-se a receber esse aumento, formaram piquetes de greve e não foram trabalhar enquanto os seus pedidos não foram satisfeitos.

Segundo as últimas notícias a greve terminou com a vitória dos trabalhadores.

CUF

O PESSOAL DA CUF VARRE OS FASCISTAS LÁ DE CASA!

A comissão representativa dos trabalhadores de Sacavém, Fábrica União, Fábrica Sol, Fábrica Ansião, U.F.A., self-service, refeitórios e delegações comerciais avistou-se com os patrões para dar conta das suas reivindicações:

- eleição duma comissão de trabalhadores da empresa;
- demissão imediata da direcção da Caixa de Previdência da CUF e eleição duma comissão de operários para fiscalizar as suas actividades;
- ordenado mínimo de 6 contos a partir do 1º de Maio;
- férias de um mês e subsídio de férias no Natal e Páscoa;
- participação nos lucros da empresa;
- salário inteiro em tempo de doença;
- 40 horas semanais e eliminação de categorias profissionais;
- readmissão de todos os trabalhadores despedidos por motivos políticos;
- suspensão imediata dos dirigentes de empresa, engs. Rola Pereira, Manso de Azevedo, A. Andrade e Sousa, e dos Drs. Francisco Santana, Drago, Cunha Boletto, e Ana Ascensão Páscoa do "self-service".

Aguardam-se ainda as respostas da direcção.

PORTO

MAIS DE 2 000 TRABALHADORES REUNIDOS NA BOAVISTA!
S.T.C.P. - PEDIDA A DEMISSÃO DE ADMINISTRADORES E DIRECTORES!

Mais de 2.000 operários das oficinas da Boavista, Areosa, Massarelos e Carcereira do Serviço de Transportes Colectivos do Porto reuniram-se a 3 de Maio

tradores e directores de queles serviços.

Os operários acusam os administradores de responsáveis pela repressão policial que a partir de Outubro de 1972 foi feita contra eles pela pida, tendo havido muitos trabalhadores presos. De sempre se terem oposto às suas reclamações, de serem prepotentes e de aplicarem por tudo e por nada multas e de pagarem salários de montante inferior à lei. A indignação popular era sobretudo contra o eng. Cayola que tinha feito a maior parte das denúncias de operários à pida.

Um pouco antes de chegarem à Boavista os trabalhadores da Areosa, apareceram duas viaturas militares com uma pequena força armada, sendo entusiasticamente aclamados pelos operários. E foi no meio deste ambiente que uma comissão dos trabalhadores teve conversações com os representantes da Junta, para a expulsão imediata dos directores e administradores da S.T.C.P.

EMPRESAS DE CAMIONAGEM

Já com experiência de lutas anteriores, o pessoal das empresas de camionagem Eduardo Jorge, Gaspar, Sintra Atlântico e Belos (Setúbal) vendo que os patrões não cediam os aumentos para 6 contos que reivindicaram, entraram em greve.

Seguindo este exemplo, também o pessoal da Setubalense entrou em greve pelas seguintes reivindicações:

- 8 contos para os motoristas e 7 contos para os cobradores;
- semana de 40 horas;
- aumento de 25% no trabalho nocturno;
- reforma aos 55 anos.

Sabendo que os transportes públicos são absolutamente necessários para todo o povo, os grevistas decidiram que as camionetas continuassem a circular mas as viagens são de borla. Assim ajuda-se a unir cada vez mais o povo e quem se lixa é o patrão!

Segundo as últimas notícias, o pessoal da Belos já retomou o trabalho, tendo já recebido um aumento provisório de 1500 escudos.

SNT - O SEculo

Sexta-feira, dia 10, os trabalhadores da Sociedade Nacional de Tipografia entraram em greve, exigindo as seguintes reivindicações:

- que todas as publicações feitas pela empresa sejam controladas pelos trabalhadores,
- expulsão de todos os fascistas e que seja feito inquérito àqueles que tenham comportamento duvidoso no tempo do fascismo,
- salário mínimo de 6 contos e semana de 40 horas
- as horas extraordinárias só em casos raros e nunca contra a vontade dos trabalhadores,
- formação duma comissão representativa de todos os trabalhadores da empresa.

Cinco dias depois os trabalhadores já tinham conseguido todas as reivindicações que exigiam, menos o salário mínimo e a semana de 40 horas.

Mas os trabalhadores da Sociedade Nacional de Tipografia decidiram parar a greve porque viram que a administração estava interessada em que a greve continuasse. Isso favorecia os fascistas porque não haveria notícias sobre o que se passava no país.

LISNAVE

No dia 15 às 2 horas da tarde, os 8 400 operários paralizaram o trabalho nos estaleiros navais, trabalhando duas horas em vez de oito, até que a administração aceita as suas reivindicações que dizem respeito ao salário mínimo, horas de trabalho semanal, férias e subsídio de férias, subsídio de doença e outras reivindicações.

MINAS DA PANASQUEIRA

MAIS DE 1500 OPERÁRIOS EM GREVE

No dia 13 de Maio os mineiros entraram em greve exigindo um salário mínimo de 6 contos, assistência médica gratuita e em melhores condições, porque até agora só havia um médico para toda a gente, e pediram também a expulsão do pessoal que está ligado à administração e ao fascismo.

A administração da Mina que é de ingleses, sul-africanos e do Banco Nacional Ultramarino, respondeu às reivindicações dos operários prometendo um aumento de salários de 10 a 25 escudos diários. Os mineiros, vendo que os patrões estavam a gozar com eles,

caixa de apoio permanente às lutas em Portugal

A nossa caixa cá continua, camaradas. Agora que a luta avança, ainda mais necessário se torna o nosso apoio à luta dos nossos irmãos em Portugal.
EM FRENTE PELA CAIXA DE APOIO!

Total dos meses passados.....	1452,40fr
MES DE JUNHO:	
Festa de Bonneuil	120.00fr
Um grupo de trabalhadoras:	
"Viva a luta pela emancipação da mulher".....	80.00fr
Da Suecia.....	326.50fr
"Pela ditadura do Proletariado.	85.00fr
Um operario do 14 ^{em}	25.00fr
Um camarada.....	5.00fr
Um camarada de Montgerou	34.00fr
Uma trabalhadora de Paris	40.00fr
Uma equipa do Alarme	100.00fr
Festa na Place d'Italie	170.00fr

O Alarme página 9 Total..... 2437.90fr

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

BARCELOS

Nesta festa participaram 4.000 a 5.000 pessoas na maioria operários e camponeses. Actuaram o Tino Flores, o conjunto popular da Apúlia, o fadista popular "Fininho" e outros. O Zé Mario Branco não actuou por estar ausente em França.

O público recebeu com grande alegria as canções que atacavam directamente os nossos inimigos de classe numa maneira clara e simples.

Um camarada falou nas greves de Matosinhos, a Grundig em Braga, da Tebe em Barcelos, da luta popular da Apúlia. Dois dias antes da festa a Tebe tinha entrado em greve.

FESTIVAL PARA O POVO

Com a participação dos nomes mais representativos das

CANÇÕES DO POVO

como José Mário Branco, Tino Flores e outros, realiza-se no próximo domingo, dia 12, pelas 16 horas, no Pavilhão Desportivo de Barcelos, um espectáculo especialmente dedicado aos Operários, Camponeses, Estudantes e Trabalhadores em geral.



ENTRADA LIVRE

Tip. Vidrio - Barcelos - 5.500 ex. - 5/74

Quase no início da festa foi desfraldada e aplaudida uma grande bandeira vermelha da O.C.M.L.P. - O Grito do Povo.

O público gritou: "Viva a classe Operária", "Viva a aliança operário-camponesa", "Revolução Popular", "Abaixo a guerra colonial assassina", "O povo armado e unido, jamais será vencível" e "Viva o Grito do Povo".

Foram vendidos "O Alarme", calendários proletários e foi feita uma distribuição massiva do jornal "O Grito do Povo".

VIANA DO CASTELO

Dia 13 um papel assinado por "um grupo de operários dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo" apareceu denunciando a traição de um "representante" dos trabalhadores que tinha ido em nome dos trabalhadores a uma reunião sindical em Lisboa e que ao fim de quatro dias de passeio em vez de dar contas aos trabalhadores foi esperar tudo no cú dos engenheiros. No papel apelava-se para a luta dos operários contra os mamões dos administradores, os lacaios fascistas, os bufos, os escovas e os traidores da nossa classe como o tal revisionista do sindicato. A malta do papel marcava uma concentração junto à divisão do pessoal dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo. A administração disse que essa concentração só seria possível depois do trabalho, isto é, quando tocasse a sirene. Então o pessoal durante o tempo de trabalho, fez uma ligação directa à sirene, pô-la a tocar a meio da tarde durante cinco minutos, parou o trabalho e fez a concentração em massa junto da administração e exigiram a expulsão do cão grande do Estaline e de alguns lacaios.

MATOSINHOS

A CASA DOS PESCADORES FOI OCUPADA

Os pescadores de Matosinhos tendo-se concentrado em grande número, ocuparam a sua casa que se encontra instalada na rua Conde Alto Nearim, nº 64, estando presentes elementos das forças armadas. Em seguida fizeram uma assembleia para discutir os problemas do seu trabalho. Foi escolhido novo presidente da casa dos pescadores e foram nomeadas comissões para os três sectores de pesca: sardinha, arrasto e artesanal. Os pescadores ocuparam finalmente as suas instalações que durante tanto tempo estiveram controladas pelos cães grandes.

MORTE AOS FASCISTAS!

MIRAGAIA

No Sábado dia 18 houve uma Festa no bairro popular de Miragaia. Nesta festa cantou o Tino Flores.

S. JOÃO DA MADEIRA

Participaram nesta festa cerca de 2 000 pessoas. Actuaram o Tino Flores, um grupo popular e varios jovens. O publico estava muito entusiasmado; houve um soldado fardado que de punho no ar gritou: "Abaixo a guerra colonial assassina" e "Viva a deserção! Toda a gente em coro gritou: "Revolução Popular"; "Viva a aliança operário-camponesa". No fim da festa centenas de pessoas de punho levantado gritaram: "E viva, e viva o Grito do Povo".

Durante a festa foram vendidos calendários proletários, O Alarme e vários textos marxistas.

Festa Popular

Camaradas trabalhadores e estudantes da região de S. João da Madeira

A Associação Cultural e Recreativa de S. João da Madeira, criada no passado sábado depois da ocupação da ex-L.P., inicia as suas actividades apresentando ao povo da região o cantor popular

★ TINO FLORES ★

que até aqui viveu exilado em França onde, em muitas festas populares, através da sua musica sempre denunciou e combateu a exploração e a repressão do Povo Português.

Cantar para o Povo Português significa cantar os seus sofrimentos e alegrias, as suas derrotas e vitórias na luta contra a opressão e a miséria, em particular a luta heróica dos trabalhadores portugueses contra a opressão fascista que largos anos tentou calar à força as aspirações do nosso povo.

Hoje nós temos possibilidades de nos reunirmos, ouvirmos a voz dos que não se venderam ao fascismo e reforçarmos a nossa união indestrutível.

Camaradas, façamos desta FESTA POPULAR, uma grande jornada de união dos trabalhadores, comparecendo todos nós em massa, no próximo SÁBADO, DIA 11, às 21,30 horas no GINÁSIO DA ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE S. JOÃO DA MADEIRA, para ouvirmos o TINO e outros cantores, e para com alegria e boa disposição reforçarmos a camaradagem e a união entre todos nós.

ENTRADA GRATUITA

Associação Cultural e Recreativa de S. João da Madeira

Gráfica Laborarte, Lda. - S. João da Madeira - 500 ex. - 5/1974

SENHORA DA HORA

EMPRESA FABRIL DO NORTE FÁBRICA DOS CARRINHOS DE LINHAS

O pessoal desta fábrica na grande maioria mulheres, entra em greve por aumento de salários, redução das horas de trabalho e para a expulsão dos administradores.

A fábrica encontra-se ocupada pelos operários e a combatividade é grande.

O Tino Flores foi com a sua viola, e as suas canções elevar a combatividade dos camaradas. Os camaradas entoaram em coro e com enorme alegria as canções. Toda a gente cantou:

Viva a Liberdade
Nós queremos viver,
Morte a quem nos mata,
Tomemos o poder.

: "O ALARME" :
: 22, Village du Rif :
: 38640 - Claix :

Direct. J.P. Sartre - Imp. Sp. VRA
nº d'insp.-com. paritaire:53381